

SER HUMANO E MOVIMENTO: REALIDADES SOBRE A CORPOREIDADE

¹ GISELLE ROCHA VIEIRA

² SIDNEY NETTO

¹ Graduanda da Faculdade de Educação Física/
Universidade Federal do Amazonas – Manaus – AM. / Brasil

² Faculdade de Educação Física/
Universidade Federal do Amazonas.
Prof. Doutor – Orientador. Manaus – AM. / Brasil
rochagiselle@oi.com.br

Como o ser humano se relaciona com o próprio corpo? Um questionamento um tanto retórico, visto que, atualmente há diversas técnicas e métodos sobre os cuidados em torno do corpo, mas levando a questão a um ponto de vista locomoção humana, observamos uma carência do conhecimento do próprio corpo. “Pela corporeidade existimos; pela motricidade nos humanizamos. A motricidade não é movimento qualquer, é expressão humana” (FREIRE, 1991.p.26). A consciência corporal obtida pelo autoconhecimento e pela vivência com demais indivíduos, nos influencia não somente pela postura corporal, mas por atos e valores que, se somam para completar a manifestação humana individual.

Essa expressividade somente atingiu os dias atuais, devido à permanência do ser humano em meio ao convívio social. “Para se chegar ao *homem original* seria preciso ir retirando a sua roupagem cultural até atingir um ser *natural*, puro de qualquer influência cultural, anterior ao desenvolvimento social” (DAOLIO, 1995. p.32). O que teria como resultado da nudez cultural seria um ser muito desigual ao que conhecemos hoje como ser humano, apartado de qualquer semelhança do que somos atualmente.

E do que se trataria este ser? De um ser animalesco, com o mínimo de intelecto e praticamente nenhuma perspectiva de sentimento. “Mais do que um aprendizado intelectual, o indivíduo adquire um conteúdo cultural, que se instala no seu corpo, no conjunto de suas expressões. Em outros termos, o homem aprende a cultura por meio do seu corpo” (DAOLIO, 1995. p..40). Nesta obtenção de conhecimento, o ser humano reuniu uma quantidade de ritos e, foi disseminando para as gerações seguintes, buscando qualificar determinados momentos marcantes, agregando para si toda a simbologia do indivíduo em meio ao coletivo.

Nesse constante ganho de conhecimento, nos vemos seres incompletos, transformando constantemente o nosso meio social e tudo que nos cerca. “A espécie humana só chegou a se constituir como tal pela concorrência simultânea de fatores culturais e biológicos” (DAOLIO, 1995. p. 33). Isso é o que afirmam os demais estudos sobre os fatores externos interagindo com fatores internos, para o desenvolvimento do ser, seja pela extrema necessidade de sobreviver, ou somente para se destacar entre seu grupo.

Mas, o mérito da evolução Humana não dependeu exclusivamente da expansão do tamanho cerebral do ser humano. “De fato, um simples aumento do número de neurônios parece não garantir, por si só, uma atuação cerebral desenvolvida. A capacidade mental durante sua evolução foi permitindo certos comportamentos culturais, como a utilização de ferramentas, o convívio social, o início da linguagem, que determinaram a evolução final do organismo humano. Dessa forma, a cultura, mais que consequência de um sistema nervoso estruturado, seria um ingrediente para seu desenvolvimento” (DAOLIO, 1995. p.32). De fato, a estimulação para a não estagnação do tamanho encefálico do ser primitivo, se deu a íntima relação com seu grupo, as variadas situações que apresentavam obstáculos para a sobrevivência e, o que expõe como o grande marco, que nos diferencia dos demais animais, um conjunto de símbolos que se subentende como expressão de comunicação entre pessoas: a linguagem e, com estes ingredientes, puderam se afirmar culturalmente.

Apesar de a cultura ser determinante para a criação da corporeidade, como um ponto chave para a evolução, o que se interpõe é que, nada teria tomado conhecimento se, não fosse pelo intelecto, que se dispõe a relatar e desenrolar teorias evolutivas. “A história do homem é a história de seu intelecto, isto é, do intelecto que conta a história. É a história de um dos pedaços. Lendo-a, parece que o corpo nunca passou de um veículo, de meio de transporte, aprisionado às rédeas do espírito” (FREIRE, 1991 p.27). O que se trata, é a forma errônea que foi desenrolando os acontecimentos, uma divisão sem nexos, onde fosse possível destacar a mente como o principal foco de trabalho, fazendo com que o corpo se tornasse apenas um mero condutor, algo medíocre e sem importância.

Alguns autores (FREIRE, 1991 e IWANOWICZ, 1986) indagam-se sobre esta divisão incoerente que se estabeleceu entre o *corpo-mente*, tendo como principal argumento o fator religioso. Este ato perpetuou-se durante milhares de gerações até os dias atuais, servindo de uma forma de dominação dos corpos desprovidos de espiritualidade. “Em algumas sociedades, o corpo era formado pelos escravos; o espírito e a mente, pelos cidadãos, pelos políticos. Em outras sociedades, o espírito é o dirigente, o executivo; o corpo, os trabalhadores braçais. O problema reside não só na divisão, mas na hierarquização” (FREIRE, 2005. p.138). Isso mostra que nossa sociedade valoriza quem disponibilizou mais tempo para moldar seu intelecto, portanto, têm-se o poder, aos demais, ficaria o trabalho de ser subserviente ao primeiro, sendo podados se, por ventura, quisessem ser contrários a esta ordem hierárquica. E com esta ordem, ficaria mais fácil controlar o acesso ao conteúdo educacional, priorizando as classes detentoras de *status*.

Sob este ponto de vista, houve uma subordinação do corpo, perante o inteligível, reduzindo assim, possíveis questionamentos contrários ao que a autoridade eclesiástica induzia seus fiéis. E isso se refletiu na sociedade, com atos cruéis de preconceito racial, racional e de gênero. “A filosofia e a ciência buscam provas da superioridade do espírito. Mas, apesar de tudo, o corpo resiste. Como nunca, reivindica sua existência. A ciência contemporânea, com todo o seu poder e todos os seus adornos com o poder, jamais deu provas da existência de entidades que escapam ao corpo” (FREIRE, 1991.p.27). Houve uma superestima de algo que nem sequer sabemos que consegue sobreviver sem o corpo, enquanto este sim, que ocupa espaços, que é visto, que age, que sente e padece, mantém-se sob segundo plano, mantido a sombra de algo que jamais agirá sem o corpo.

A mesma ciência que investiga, executa transplantes que analisa a matéria e fluidos do organismo humano, nos mostra que nada mais se pode fazer, quando não há mais movimento interno, de sinapses nervosas ou circulação sanguínea. “As mentes não habitam cadáveres” (FREIRE, 1991.p.26). Constatando que, somente os vivos são detentores da cognição.

Em nossa própria gênese deixa bem clara esta constatação. “O homem não se concebe sem movimento” (KATZ, 2005. p.152). E, necessita ser lembrado deste fato, pois há sensibilidade na ação. “O corpo ancora no sensível, atento à intencionalidade dos afetos. Marcado pelo sangue, pelos fluxos, líquidos e humores, pelas sinestesias, pela plasticidade” (VENÂNCIO e COSTA, 2005. p.181). Mostra quanta grandeza há no ser, quando é possuidor de humanidade, obtêm uma aura de sensibilidade que transcende o próprio ser, e capta outros indivíduos, ampliando novas possibilidades de se reconhecer, através do sensível, em outro ser, sendo pelo movimento, ou por atos feitos.

Porém o que se vê hoje é um ser desumanizado, pelo simples fato de querer separar o inseparável, chegando a punir o que se *sente* com mais rapidez. “O homem de hoje não é tão sensível quanto poderia ser se o corpo e espírito não andassem separados no nosso modo de pensar. Assim como o homem seria mais inteligente se o corpo não tivesse sido rebaixado à condição de subalterno do espírito” (FREIRE, 1991.p.31). Isso é o que reflete, principalmente, o que foi imposto pela sociedade, um ser com pouca ou nenhuma vivência motora, porém um ser possuidor de idéias que apenas direciona seu foco no cognitivo.

O que se percebe é exatamente esta exaltação a intelectualidade, esquecendo que temos mobilidade e possibilidade de aprendizado com esta motricidade. “Nesse aspecto, o que se valoriza mais na nossa vida é a nossa capacidade intelectual, cognitiva. Essa tendência no desenvolvimento do ser humano está nos afastando da necessidade de usar o nosso corpo diretamente” (IWANOWICZ, 1986. p. 63,64). E sem este uso direto do corpo como componente de assimilação de conhecimento, surge uma série de déficit de aprendizagem motora, acarretando assim, um desenvolvimento cognitivo e mental ineficaz.

E com isso, bloqueia toda a plenitude de movimentos e simbologia que o corpo permite, fazendo uma poda de sentimentos, tornando-se passível e sem expressividade. “Corpo ideal, concebido na idéia de seriedade, do cumprimento dos deveres de forma rija, de necessidades de não se cometer erros. Corpo ideal, manipulável, sem vontade própria, sem abertura ou permissão para as paixões, corpo que passa pela vida, mas não consegue experimentar a vida” (MOREIRA, 2005. p.195). Torna-se um molde, que pouco interage com seus semelhantes, um ser sufocado com normas de conduta, que não permite atos passionais, sendo apenas cabíveis os atos meticulosamente planejado, deixando-se à margem dos sentimentos.

Com esta realidade existente, nos preocupa, pois este corpo tem um mínimo de moldes culturais e o que fez este corpo se conformar a atual existência. “Começamos a nos preocupar sobre como este corpo reage, como se sente, como guarda a sua vivência emocional, sensorial e etc” (IWANOWICZ, 1986. p.64).

E com este questionamento que indaga a mente, fica a pergunta: Até que ponto esta separação foi benéfica? Será que realmente nos levou a alguma evolução significativa? Portanto, estamos nos perguntando: é boa essa mudança, é positiva para a nossa vida e para o nosso desenvolvimento? Estaremos melhor ou pior com isso? Estas questões irão ecoar em nossos corpos e mentes, pois o que vemos é uma tentativa de se entender uma totalidade, fragmentando suas partes, acarretando uma ação frustrante, porque com este ato fez crer que a mente ou espírito, atua sem vínculo com o corpo.

Segundo Moreira (2005, p. 194) “Mal conhecemos nosso corpo, pois a ciência procura decodificar, com sinais e nomenclaturas, rotulação de enfermidades e racionalizando o ser humano, comparando-o com números. Resultado: temos um corpo, conhecemos sobre um corpo, mas, não somos um corpo, não sabemos o corpo.” Tivemos tanta vontade de conhecer e explicar o funcionamento do ser humano, que acabamos por nos perder quando o ponto de vista torna-se holístico.

E isso é o resultado de uma tentativa de compreender o ser que se tornou fragmentado pelos próprios homens. “Nunca o ser humano esteve tão fragmentado. Como pessoa, vive esfacelado entre mente e o coração. Pelo mundo, está dividido em nacionalidade e conflitos infundáveis” (CREMA, 2005. p.286). Já não somos um todo, e sim partes encaixadas, que não sabe ao certo se determinados encaixes nos servirão adequadamente, há um tumulto entre sentimento e razão, onde apenas o que é certo, é que a mente tem se do obrigação de mandar e, o corpo tem a obrigação de cumprir ordens, tendo uma rotulação, para poder pertencer a um grupo ou a um povo.

E assim fica confuso de entender o ser humano em sua totalidade, deixamos de apreciar e conhecer o próprio corpo, devido barreiras sociais e educacionais impostas ao indivíduo, principalmente no que diz respeito ao *tocar*. “O corpo é uma área defendida, cheia de conflitos: pode, não pode; toca, não toca; mostra, não mostra” (GAIARSA, 2005. p. 297). E isso tem sido mais evidente, nos grandes centros urbanos, onde aos poucos estão sendo abandonadas antigos costumes cordiais como, abraçar alguém ou apertar as mãos, agora isso é visto como ameaça de contágio por doença, repelindo o contato, isolando seres que, desde o início da sua organização social, tinha hábitos de se reunir em grupos.

Com esta inibição que até aos dias atuais, foi um processo educacional, deixamos por adormecer nossos instintos, se tornando um jogo desregular, onde existem mais limites

inibitórios do que a liberdade de execução de atos. “O corpo no seu impulso inconsciente manda fazer algo, quando a experiência ‘imitadora’ junto com as normas culturais nos proíbe” (IWANOWICS, 1986. p.69). A camada que molda o indivíduo pune, com ações imediatas e repressoras, e esse grupo repressor, muitas vezes coíbe um desejo sem antes explicar o porquê da ação feita, assim se modela uma geração sem desejos, sem vontade de descobrir, desprovido de uma expectativa real de evolução individual.

Nossa sociedade molda indivíduos alienados com sua existência, porque ainda hoje utilizamos Descartes para fundamentar nossa própria existência. “No cartesianismo, que ainda acomete quase todos nós, o homem sabia que existia porque pensava” (FREIRE, 1991 p.53). E se pensa, é porque há um corpo inteiro para alimentar este pensamento, um corpo que, por enquanto apenas está locomovendo esta existência, sem grandes mudanças, sendo apenas subservente aos acontecimentos cognitivos.

Fazendo assim, um corpo mortalmente dócil, desprovido de sensibilidade, mitificando a alma e todo o cognitivo, amenizando toda experiência do corpo vivido. “Corpo pensado, perfeito, esquadrinhado, determinado, explicado, com reações previsíveis, disciplinado, que jamais compreenderá a insustentável leveza do ser” (MOREIRA, 2005. p.196). Um corpo é transgressor de si mesmo, pois não há nada pessoal neste ser, um corpo cego de sentimento, mudo de atos, um corpo mutilado pela própria sociedade que o moldou, tornando um corpo morto para apreciar uma paisagem, incapaz de expor seus sentimentos, de ser um todo, e não um pedaço sem sentido.

O que se interpõe nesta discussão, seria como retomar este corpo e transformá-lo em um ser completo, tornando parte efetivamente do mundo, por meio do seu próprio ser. “Pois a corporeidade é a forma original de nossa realidade no mundo: através do nosso corpo, somos incessantemente determinados nas situações temporais e espaciais em que nos encontramos. O que vivemos, entretanto, não é um simples corpo físico, um objeto entre outros objetos; esta é a noção do corpo para a ciência. A corporeidade inclui todas as formas do dinamismo vital: é a realidade concreta por intermédio da qual o homem habita o mundo” (BOSSU e CHALAGUIER, 1975. p. 67). Sendo assim, o corpo não caberia na expressão de *ponte*, entre o interior: cognitivo; com o exterior: ambiente; mas o próprio corpo age, sente, decodifica estimulações ao seu redor, também realizando ações inversas, deixando de ser uma matéria, passando a ser um ser vivo, dono de seus atos, pensamentos e sentimentos.

Nestes espaços que preenchemos, ao longo da nossa existência, percebemos que nos afirmamos através de ações. “Quem esculpe o vivo é o movimento” (KATZ, 2005. p.152). Para alcançar uma meta, precisamos nos dispor a esta finalidade, precisamos nos doar, não apenas com o intelecto, mas dispor na nossa transpiração, nossos batimentos, sensibilidade e humanismo.

E a procura deste sentido do ser, nos mostra a carência de olhar para nós mesmos e, assim compreender lacunas, tentar preenchê-las, a fim de tornar-se um ser completo. “A sensibilidade para estar com o outro no movimento torna-se parte indispensável da capacidade dos corpos relacionarem-se inicialmente consigo mesmos e posteriormente com o mundo e os outros” (VENÂNCIO e COSTA, 2005. p.174). Aponta com isso, novas possibilidades de convívio, a partir de um encontro, sendo conhecedores de seres semelhantes, poderão agregar valores, estabelecer parcerias e, construir uma unidade homogênea de ações e, heterogênea de sentimento, uma vivência que permite conhecer a si mesmo, como ser que atua diretamente no espaço.

O que precisamos ter, não só em mente, mas em nosso corpo, é a disponibilidade de movimentar-se. “Entretanto, se o corpo deseja existir antes de tudo na vida das formas expressivas, ele também pretende comunicar.” (BOSSU e CHALAGUIER 1975.p.107). Temos que devolver ao corpo, sua função cultural, de agir como indivíduo que pensa e interage com o espaço, procurando renovar e se dispor a sentir, agregar vivência. Fazendo assim um ser mais humano, compreensivo e tolerante, detentor de sensibilidade, fundindo o corpo à mente,

constituindo uma linguagem corporal própria, e descobrindo-se como parte de um mistério universal, chamado vida.

De acordo com os fatos assim apresentados, vimos o quão importante é a nossa afirmação como, não somente um ser humano pensante, mas definitivamente inserido corporalmente na cultura, buscando em nós mesmos, uma chance de se permitir conhecer a si mesmo e os outros, buscando a sensibilidade um equilíbrio de corpo e mente, sentir e pensar, nos tornando assim, indivíduos mais humanos.

REFERÊNCIAS:

FREIRE, João Batista. Dimensões do Corpo e da Alma. In Pensando o Corpo e o Movimento/ organizado por Estélio H.M. Dantas – Rio de Janeiro: Editora Shape, 2005. Trabalhos apresentados durante o Congresso de Consciência Corporal, realizado na Bienal do Corpo de 16 a 21.04.1992, São Paulo.

KATZ, Helena. A dança é o que Impede o Movimento de Morrer de Clichê. In Pensando o Corpo e o Movimento/ organizado por Estélio H.M. Dantas – Rio de Janeiro: Editora Shape, 2005. Trabalhos apresentados durante o Congresso de Consciência Corporal, realizado na Bienal do Corpo de 16 a 21.04.1992, São Paulo.

VENÂNCIO, Silvana; COSTA, Elaine Melo de Brito. Pensar e Sentir o Corpo na Dança Consigo e com o Outro. In Pensando o Corpo e o Movimento/ organizado por Estélio H.M. Dantas – Rio de Janeiro: Editora Shape, 2005. Trabalhos apresentados durante o Congresso de Consciência Corporal, realizado na Bienal do Corpo de 16 a 21.04.1992, São Paulo.

MOREIRA, Wagner Wey. O Fenômeno da Corporeidade: Pensado e Corpo Vivido. In Pensando o Corpo e o Movimento/ organizado por Estélio H.M. Dantas – Rio de Janeiro: Editora Shape, 2005. Trabalhos apresentados durante o Congresso de Consciência Corporal, realizado na Bienal do Corpo de 16 a 21.04.1992, São Paulo.

CREMA, Roberto. Homo Holisticus. In Pensando o Corpo e o Movimento/ organizado por Estélio H.M. Dantas – Rio de Janeiro: Editora Shape, 2005. Trabalhos apresentados durante o Congresso de Consciência Corporal, realizado na Bienal do Corpo de 16 a 21.04.1992, São Paulo.

GAIARSA, José Angelo. O Corpo que se Vê e o Corpo que se Sente. In Pensando o Corpo e o Movimento/ organizado por Estélio H.M. Dantas – Rio de Janeiro: Editora Shape, 2005. Trabalhos apresentados durante o Congresso de Consciência Corporal, realizado na Bienal do Corpo de 16 a 21.04.1992, São Paulo

FREIRE, João Batista. De corpo e Alma: O discurso da motricidade. São Paulo: Editora Summus, 1991.

IWANOWICZ, Bárbara. A imagem e a consciência do corpo IN Conversando sobre o corpo / organizado por Heloísa Turini Bruhns – Campinas; SP: Editora Papyrus, 1986

DAOLIO, Jocimar Da cultura do corpo – Campinas; SP: Editora Papyrus, 1995.

BOSSU, Henri e CHALAGUIER, Claude; A expressão Corporal: Método e prática – São Paulo. Editora Difel. 1975

Rua I, quadra 15, casa 177, Conjunto Nova República. CEP: 69.075-600 Distrito
Endereço:

Rua I, quadra 15, casa 177, Conjunto Nova República. CEP: 69.075-600 Distrito
Industrial – Manaus- AM, BRASIL.

Telefone: (092) 9112.9241

E-mail: rochagiselle@oi.com.br